

SEMINÁRIO DE PESQUISA NEC 2023

11-12 abr.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE ESPACIALIDADES CONTEMPORÂNEAS | NEC.IAU.USP



ENTRE CAMINHAR E MAPEAR: UMA INVESTIGAÇÃO POÉTICA POR MEIO DO CAMINHAR, DESENHAR E MAPEAR CIDADES GOIANAS

SILVA, Ana Vitória Freitas; anavity@discente.ufg.br; FAV-UFG

Pesquisa de Mestrado, orientada por Prof. Dr. Gabriel Teixeira Ramos

Iniciada em abril de 2023

1 Introdução

Caminhar, um ato que parece ser apenas uma necessidade para o cotidiano de todos, pode ser visto, sobretudo, como “meio pelo qual os seres humanos aprendem a entender o mundo a sua volta enquanto passam por ele” (COVERLEY, 2016). Em outras palavras, por mais que o ato de caminhar seja algo natural e essencial como um meio de locomoção, é também um ato intencional de vivência do espaço.

Errar pelas ruas da cidade. Flanar. Perambular sem destino certo. Perceber os passos e as sensações do caminhar. Parar. Deter-se não por ter alcançado o destino final, não existe o fim, mas sim devido a uma folha que cai no trajeto. Perceber o tempo lento. [...] Caminhar mais um pouco. Retornar pela mesma rua, do lado oposto da calçada. Virar à esquerda [...] conversar e tocar o outro [...] Caminhar junto. Reencontrar. Caminhar e caminhar. Cruzar olhares fugidios e sem palavras comunicar. Olhar para trás. Perseguir e sentir-se perseguido. Aguçar o tesão. Encarar o medo. (LIMA, 2013, p. 202)

Caminhar é uma atividade com possibilidades de ricas experiências e não somente uma necessidade humana. O ser caminhante realiza esse ato como uma maneira de experimentar a cidade, para acumular sensações e percepções que ficam “condensadas em seu corpo enquanto vida e apreensão da cidade percorrida” (LIMA, 2013, p. 203). Essa ação precisa ser operada de modo consciente, não como um simples afazer cotidiano, é preciso buscar conhecer o urbano e o “espaço vivido” (LEFEBVRE, 2000 apud. LIMA, 2013, p. 203), de modo a refletir sobre as questões de um ser social e caminhante em relação à experiência do espaço.

A partir dessas reflexões, percebe-se que, ao experimentar a cidade através da caminhada, o caminhante vivencia diferentes sensações que se moldam em seu ser, sendo criadas memórias deste lugar e momento. Para isso, ao realizar o ato de caminhar de forma intencional pela cidade, é preciso observar e estar incorporada nesse

processo e território, para que seja possível sentir esses efeitos, criar memórias daquele momento e também ativar memórias de experiências já vividas nesse espaço percorrido.

Em seu livro “A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer”, de 1994, Michel de Certeau discute sobre as táticas e as estratégias de sujeitos comuns, a partir das práticas cotidianas e de suas maneiras de atuação como seres sociais, de modo a definir as singularidades e a pluralidade social, em decorrência dessa interação. Sendo assim, para o autor, essas ações são as práticas ordinárias, ou melhor, os “modos/práticas de fazer” dos indivíduos que, dessa forma, são definidos por suas relações sociais e das atitudes de acordo com as regras impostas pela ordem social e econômica. Para nos auxiliar na pesquisa que visamos desenvolver, a principal análise realizada pelo autor é sobre o caminhar pela cidade fundamentado como uma maneira de praticá-la e dela apropriar-se.

A reflexão do autor está relacionada diretamente com a importância de praticar o espaço e caminhar pela cidade, o que motiva o pedestre a andar, e a ativar a memória criada pela habitualidade da ação, dos relatos e das demarcações que mostram as interligações “do cotidiano a partir do método etnográfico, da estatística e da cartografia” (CÉSAR; SANTOS, 2020, p. 340).

As cartografias, por sua vez e de um modo geral, são peças gráficas que contêm “informações e dados sobre fatos, acontecimentos e relações espaciotemporais” (SPERLING et al, 2019, p. 808). Desse modo, é importante ressaltar que, segundo Sperling et al (2019), a cartografia refere-se ao modo de fazer e relacionar acontecimentos, informações, dados, fatos e processos, representados de forma gráfica em um mapa. Melhor dizendo, o mapa é o produto resultante de toda essa estrutura que é a cartografia.

[...] os mapas podem ser constitutivos de, e ao mesmo tempo, constituídos por, relações sociais que conectam pessoas a lugares, identidades a territórios e, por essa razão, têm o potencial de criar novas, e com frequência, perturbadoras relações de poder. (ACSELRAD, 2015, p.12 apud. SPERLING et al, 2019, p. 810)

De acordo com Sperling e Kiminami, (2020, p. 2) por muito tempo a cartografia foi “um instrumento de representação de pouca acessibilidade, a qual poucos conseguiam ler e reproduzir”, ou seja, um instrumento de poder do dominador que representava os territórios conquistados. Com o passar do tempo, as cartografias passaram a ter poder de representar o mundo de maneira objetiva através do desenvolvimento das ciências (SPERLING; KIMINAMI, 2020, p. 2). Sendo assim, Ramos (2021, p. 178) afirma que os mapas foram e ainda são uma das maneiras de manter e consolidar as relações de poder.

Os mapas atuam a serviço de interesses, ajudam a construir a história, e em suas representações gráficas, mostram algumas questões e outras não, de acordo com os próprios interesses (WOOD, 1992, s/p apud RAMOS, 2021, p.178). É preciso, por conseguinte, e como afirma o autor, “desvelar os processos que constituem as próprias cartografias e os questionar” (RAMOS, 2021, p. 178), visto que, a todo o tempo os mapas são ativadores do território, e se articulam de maneira a serem importantes mecanismos de transformação social.

Seguindo esses processos de transformação, os mapas partem da representação para a prática, em que a partir de estudos, a cartografia é identificada com uma “perspectiva

relacional” (SPERLING; KIMINAMI, 2020, p. 2). Os autores afirmam notar dois processos simultâneos em relação aos mapas como meios de representação, sendo assim, ao mesmo tempo em que se questiona a neutralidade e a imparcialidade dos mapas, eles também passam a ser constituídos como mediadores onipresentes da experiência urbana cotidiana. Com isso, os mapas se expandem como “dispositivos tecnocientíficos de poder e de suporte à lógica globalizante, mas convertem-se igualmente em instrumentos para a construção de contra-narrativas que visam disputar representações” (SPERLING; KIMINAMI, 2020, p. 3).

Localizar-se e mover-se são ações realizadas por tecnologias móveis ou mídias locativas, como os smartphones e aparelhos GPS, e em vista disso, o mundo passa a ser representado cada vez mais por meio de interfaces digitais de mapeamento. Assim, percebe-se como as relações de poder vão se transformando, essas práticas configuram outras experiências cotidianas e informacionais às pessoas, fazendo com que esses sujeitos sejam o “indivíduo geoglobalizado” (SPERLING; KIMINAMI, 2020, p. 3), e acabem experienciando cada vez menos as práticas cotidianas da cidade, o caminhar. Perante o exposto, é possível perceber como há uma problemática diante das relações de poder entre os caminhos percorridos através dos mapas e a caminhada como uma prática do espaço. Sendo assim, o presente trabalho está inserido no universo das práticas cotidianas e do caminhar, com o objetivo de entender essas relações de poder e como é possível haver diferentes ativações de memória ao realizar determinado percurso nas duas formas, pelas caminhadas e pelo estudo dos mapas.

2 Objetivos

Esta pesquisa parte da reflexão sobre como a memória é ativada pela realização de um percurso específico através de mapas e em como é ativada pelo ato de caminhar de fato por esse percurso. Com isso, ressalta-se a importância do desenvolvimento de uma investigação teórica, crítica e de campo para sistematizar a compreensão das práticas do espaço e os resultados disso.

Partindo da ideia de que há essa diferente ativação de memórias entre as práticas do espaço e os percursos por meio de mapas, o objetivo geral desta pesquisa é realizar rotas das duas maneiras já citadas, tendo como recorte empírico as cidades de Catalão e Aruanã, locais que já foram morada da pesquisadora, de modo a contrapor essas duas práticas e entender como elas operam. Primeiro, será situado de modo teórico e conceitual as problemáticas e as relações de poder entre os mapas e as práticas do espaço. Em consequente, objetiva-se fazer essas caminhadas para que nelas seja possível investigar e encontrar pessoas, histórias e memórias. Para além de observadora, aqui nesta pesquisa, é preciso estar incorporada neste território como usuária e sujeito-objeto de estudo, em contraponto ao mapa hegemônico; caminhar, parar e observar, podendo, assim, se colocar em um lugar de caminhante do espaço com um olhar de empatia pelos usuários do lugar. Sendo assim, tem-se como objetivos específicos:

- Determinar trajetos e percursos a seguir nas cidades determinadas para a realização da pesquisa e trabalho de campo;
- Encontrar e conversar com pessoas e usuários do espaço, durante o caminho percorrido, que possam fazer parte do estudo e experimentação dos modos de ativar a memória e as sensações através da prática de caminhar, e assim, destacar as diferentes narrativas encontradas nos locais;

- Entender se e como as caminhadas podem ser uma ferramenta de reconstrução e atualização do lugar e então realizar ilustrações (desenhos, colagens, fotos e textos) a partir do processo de caminhada e conversa com os sujeitos caminhantes, a fim de valorizar o ato de caminhar e as memórias do espaço, tanto as da pesquisadora quanto das demais pessoas encontradas durante o desenvolvimento do trabalho de campo.

3 Abordagem da pesquisa

Em um primeiro momento do desenvolvimento, é preciso dedicar-se à fundamentação da pesquisa com o método de revisão bibliográfica, aprofundando-se em conceitos que darão suporte para a realização do trabalho em campo. Para tanto, serão trabalhados temas e conceitos como as práticas cotidianas, o caminhar pela cidade, relação entre cartografia e mapas, as contracartografias, relações de poder no meio urbano, memória e história. Como apresentado, essas leituras já foram iniciadas em conjunto com a busca por mais autores e continuaram em desenvolvimento no primeiro ano de pesquisa.

Já em um segundo momento, a partir do segundo/terceiro semestre de trabalho, após o levantamento das bibliografias e o estudo dos conceitos que fundamentam a pesquisa, será desenvolvido o trabalho de campo, a ser dividido em duas etapas. A metodologia utilizada por esse trabalho se inicia, em uma primeira etapa, com o estudo de percursos e caminhos através dos mapas das cidades nas quais a autora já viveu, caminhos importantes e com memórias de encontros, a fim de perceber quais memórias, sensações e percepções serão ativadas nessa atividade, sendo imprescindível que esses aspectos sejam observados, anotados e ilustrados.

Em conseguinte, em uma segunda etapa, será necessário realizar viagens às cidades citadas para efetuar as caminhadas e a incorporação da pesquisadora no território e como objeto de estudo no espaço. Ao realizar as caminhadas propostas, tem-se o desejo de encontrar outros pedestres que por ali estejam para que possam também colaborar com o trabalho, através de conversas sobre as memórias e atualizações dos espaços percorridos e até mesmo através de mapas. Durante esse caminhar, toda a experiência, memórias ativadas e diálogos serão registrados por textos, fotografias e desenhos, para que posteriormente sejam relacionados com os relatos da primeira etapa.

Sendo assim, o trabalho de campo é uma forma articulada de análise que busca compreender na prática a relação entre mapas e práticas da cidade, conceitos estudados na revisão bibliográfica, investigando como se dão as relações de poder e a produção de memórias dos dois métodos. Além disso, é almejado como resultante do conjunto bibliográfico e os registros das duas etapas do trabalho em campo, seja produzido um grande mapa, uma contracartografia, com as reflexões, ilustrações, colagens e anotações, relacionando as memórias ativadas e atualizadas, da autora e dos demais participantes, conectando interesses e relações.

4 Resultados e discussões

O projeto de pesquisa proposto trabalha com um olhar crítico acerca das relações de poder existente nas cartografias hegemônicas e nas práticas de cidade, com ênfase na possibilidade do ato de caminhar ser uma ferramenta de construção das relações sociais, da ativação e atualização das memórias do ser caminhante e do espaço percorrido. Além de se associar com as relações funcionais e materiais; de se relacionar

ao campo crítico de estudo sobre mapas e cartografias hegemônicas; e à tecnologia; desse modo, a pesquisa se insere em um campo subjetivo, trabalhando as práticas do território, lugares simbólicos, as memórias, sensações e percepções dos usuários do espaço. Além disso, busca olhar pelas ações e práticas dos sujeitos, dos caminhantes em seu cotidiano e não de objetos. O projeto visa incorporar os sujeitos, agentes e a própria pesquisadora no território de forma subjetiva e simbólica, valorizando assim as histórias e as memórias inscritas nos espaços.

Por fim, projeto de pesquisa visa realizar estudos e reflexões acerca da memória dos espaços percorridos pelos usuários, possibilitando o conhecimento sobre as histórias do lugar de forma crítica, teórica e prática, além de ocasionar a atualização desses locais. Sendo assim, o projeto se relaciona com a história e a historiografia da arquitetura e do urbanismo, articula contextos locais e do Centro-Oeste, visto que tem como proposta estudar empiricamente as cidades goianas, estabelecendo relações culturais, políticas, artísticas, arquitetônicas e urbanas. Ademais, são discutidas questões sobre o ato de caminhar e ativação da memória do usuário durante essa prática, relacionadas com a teoria da arquitetura e do urbanismo, e estabelecendo conexões com a cidade e sua complexidade como um todo. Portanto, o projeto de pesquisa fomenta a formação do pensamento crítico e reflexivo sobre as práticas do espaço na atualidade, em contraponto ao conhecimento da história e da teoria através de memórias.

5 Referências

- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CÉSAR, Rosivania, SANTOS, Sandra. In: *Periferia*, v. 12, n. 1, p. 323-339, jan./abr. 2020.
- COVERLEY, Merlin. **A arte de caminhar: o escritor como caminhante**. 1º ed. eletrônica. São Paulo. Martins Fontes, 2016.
- LIMA, Eduardo. **A cidade caminhada: o espaço narrado**. In: *Redobra* nº 11. Laboratório Urbano - PPG-AU/FAUFBA. Bahia, 2013. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br/?page_id=109>. Acesso em: 12/10/2022.
- RAMOS, Gabriel. **Contracartografia de Velocidades no Território Urbano Contemporâneo**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.
- RAMOS, Gabriel. **Mapas-Movimentos: narrativas de deslocamentos urbanos por meio de [outros] funcionamentos de sistemas cartográficos**. Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Carlos, São Paulo, 2021.
- SPERLING, David, KIMINAMI, Cristina. **Práticas contracartográficas artísticas e a desestabilização dos mapas**. In: *Ocolum Ensaio: Revista de Arquitetura e Urbanismo*. Campinas, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.24220/2318-0919v17e2020a4492>>. Acesso em: 15/10/2022.
- SPERLING, David, RAMOS, Gabriel, SANTANA, Mariane. **CONTRACARTOGRAFIAS: tecnopolíticas de espacialização da informação - atores, agenciamentos e sistemas**. 2º Seminário Internacional de Urbanismo Biopolítico. 1º ed. p. 806-836. EAD/UFMG. Belo Horizonte: Associação Imagem Comunitária, 2019.